

O CONCEITO DE DESAPRENDER NA DOCÊNCIA

Jéssica Maria Freisleben

Resumo: Este artigo tem por intuito apresentar o conceito de *DESaprender* na docência. Motivada a questionar e problematizar os modelos de docente que estavam naturalizados em mim, dialogando com o conceito de desaprender de Fresquet (2007) e com o saber empírico oriundo de minhas experiências de formação. No texto explanarei sobre o desaprender na docência, a partir do conceito de Adriana Fresquet, apresentado no livro “*Imagens do desaprender Uma experiência de aprender com o cinema*”.

Palavras-chave: desaprender; aprender; docência.

Abstract: This article is meant to introduce the concept of unlearning in teaching. Motivated to question and discuss the teaching models that were naturalized in me, dialoguing with the concept of unlearning of Fresquet (2007) and the empirical knowledge from my training experiences. In the text I shall explain about unlearning in teaching, from the concept of Adriana Fresquet, presented in the book "Images of unlearning an experience to learn from the cinema."

Keywords: unlearn, learn, teaching.

“Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.” Rubem Alves

Este artigo tem por intuito apresentar o *DESaprender* na docência, a partir das experiências/saber empírico em consonância com as referências que me acompanharam em minha formação acadêmica. Questionava-me há tempos sobre o que estava vivenciando em meu processo formativo e sobre os conceitos de *desconstrução* e *desnaturalização* que estavam permeando minhas experiências educativas. Sensibilizada pela escrita de Adriana Fresquet (2007), em seu livro “*Imagens do desaprender Uma experiência de aprender com o cinema*”, movimenteimei-me a escrever sobre este *DESaprender*. Tivemos um encontro casual. Em uma bela noite de outono. Ressalto essa passagem, pois o encontro se deu ao acaso, a leitura de tal obra não foi recomendada por nenhuma disciplina ou professor do curso de Artes Visuais, no qual sou licenciada. Estava aproximando-me do cinema, buscando possibilidades e referências sobre o cinema como linguagem e como dispositivo para as aulas de Artes

que planejava ministrar. Estava empenhada em aprender sobre cinema. E vejam com o que me deparei...como DESaprender.

De 2012 a 2016 fui acadêmica do curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Durante esse período o exercício de problematizar tornou-se recorrente em minha construção docente, sempre dialogando com o que Garlet, Cardonetti e Oliveira (2014) definem a partir de Foucault,

“aprofunda o olhar” pois, “a problematização, diferente da interrogação, exige de nós um distanciamento, necessário para que haja uma desnaturalização, uma desconstrução de noções como verdadeiro/falso, certo/errado, bonito/feio. Esse distanciamento nos permite repensar o que é normativo, questionar de onde surgiu” (Garlet, Cardonetti e Oliveira, 2014, p. 675)

A problematização para Virginia Kastrup (2008), corresponde à ação de inventar problemas em torno das experiências de problematização, pois, a aprendizagem inventiva promove rupturas que propõe deslocamentos cognitivos, isto é, nos incita a pensar alternativas diversificadas. A partir destes conceitos e laborei meus projetos de pesquisa e ensino, planejei minhas aulas e me posicionei como futura docente. A partir da aproximação dos conceitos de *problematização* e *desnaturalização*, acabei me percebendo como uma docente que não condizia com o que havia aprendido sobre a figura do professor, entendido como figura central e com autoridade demasiada em sala de aula, dentro de uma perspectiva educacional tradicional, onde o professor era portador do conhecimento, responsável por transmiti-lo aos seus alunos.

Os caminhos que me conduziram ao DESaprender

Durante a graduação iniciei minha pesquisa sobre Arte e Infância. Durante a fase de pesquisa e escrita do Trabalho Final de Graduação empenhei-me em conhecer pesquisas mais recentes envolvendo arte e infância. Encontro-me envolvida nesta pesquisa sobre infância até hoje, questionando-me sobre: o que é infância e que infância é esta com a qual me deparei na contemporaneidade? Sobre o conceito de infância encontrei no livro “*História Social da Criança e da Família*”, do francês Philippe Ariès, referências sobre infância e família inseridas em um âmbito social. O autor atém-se aos aspectos da imagem em si e como elas produziram nossos modos de entender infância. O autor examina e desconstrói o conceito de infância como um fenômeno

natural da vida e vai demonstrando como a concepção de infância é uma construção histórica, cultural, fabricada na modernidade.

Tentando desnaturalizar a visão de uma infância romantizada, idealizada, pensada no singular, ampliando o conceito para Infâncias, termo no plural. Destaco esta passagem de Jorge Larrosa (1999):

(...) a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. (...) Não se trata, então, de que – como pedagogos, como pessoas que conhecemos as crianças e a educação – reduzamos a infância a algo que, de antemão, já sabemos o que é, o que quer ou do que necessita (Larrosa, 1999, p. 184-188).

Diante desta posição que conduzo minha pesquisa e postura docente, como algo a ser convidado a conhecer. Não afirmo saber sobre a infância, justamente porque a infância que vivi é diferente da infância que encontro hoje na contemporaneidade, isso foi algo custoso a entender. Dialogando com David Buckingham, passei a entender as crianças não como meras receptoras dos artefatos culturais, mas como seres capazes de estabelecer critérios de julgamento frente ao que lhes é oferecido, pois, tomam posições e realizam escolhas diante do que lhes é ofertado. Algo muito importante em meu entendimento, e que passou por um processo de *desnaturalização* até que pudesse ser compreendido desta forma.

E procurando referências para aprender mais sobre infância, sobre a arte para a infância e sobre a docência. Deparei-me com o *desaprender* de Adriana Fresquet, proposto a partir do cinema, este encontro abalou-me profundamente. Percebi que estava precisando *desaprender* um pouco. Não por considerar que havia aprendido muito sobre o assunto, mas porque me encontrava em conflito de valores, significados, interesses e precisava processar e pôr em debate o que havia aprendido. Precisava *desaprender* o que é infância e o que é ser criança. *Desaprender* o que é ser/estar professor(a) de artes. *Desaprender* métodos e perspectivas de ensino. Precisava aprender a *desaprender*. E *Desaprender* a aprender. O conceito e o ato de problematizar encaminharam-me ao conceito de *desnaturalização* do olhar, que segundo Mendes Neto e Oliveira diz respeito a,

o rompimento com tudo aquilo que estamos de alguma forma pré-dispostos a pensar ou perceber. Ou seja, é o ato de despir-se de visões estereotipadas e conceitos pré-formados, na tentativa de realizar um entendimento mais abrangente do mundo, interpelando diferentes ângulos, enxergando diferentes contextos (Mendes Neto e Oliveira, 2015, p. 9).

O modelo de professor e de aula dentro de uma perspectiva tradicional estava naturalizado para mim, e agora é o que estou pré-disposta a romper. A cada dia aprendemos coisas novas. Atrevo-me a dizer que selecionamos o que vamos aprender. Resgato de minhas memórias a expressão utilizada por meus/minhas professores(as): "Hoje vamos aprender sobre..." Talvez, na intenção de incentivar os estudantes a estudar e mostrar a importância daquela aula, iniciavam-na com este discurso. Mas, hoje questiono-me, será que vamos aprender mesmo? Temos tempo certo e hora marcada para aprender? Será que esse conteúdo que será abordado em aula já não faz parte da vida e das experiências dos estudantes? Será mesmo necessário o professor ressaltar o que será aprendido? E como ele pode assegurar essa afirmativa? Sendo que, aprendemos com os outros, com nossas experiências, aprendemos até quando o intuito não era o de aprender. Por isso, destaco a frase "Hoje vamos aprender sobre...", dita incontáveis vezes por meus professores. Aprendemos conceitos, valores, atitudes... Aprendemos muito na escola, mas será isto suficiente?

Em minhas reminiscências sobre as aulas de artes do Ensino Fundamental, me recordo das práticas de desenho livre sem objetivo algum e das atividades de pintar dentro de um contorno pré-estabelecido pelo desenho já pronto, que foram recorrentes no meu tempo de escola. Tais práticas artísticas não contemplavam e agora contemplam ainda menos as possibilidades de problematizar e trabalhar as Artes Visuais na escola. Mas, essas práticas integram minhas lembranças e me fizeram aprender e construir um modelo de professor, ênfase a figura do professor(a) de arte e aulas de artes visuais, na época intitulada Educação Artística, pois hoje este é meu campo de atuação, pesquisa e interesse.

Percebo hoje que, o que aprendi durante os oito anos de Ensino Fundamental e nos três anos de Magistério, em nível de Ensino Médio, não condiz com os meus anseios na atual circunstância. Não me refiro a conteúdos didáticos, mas, em um sentido mais amplo, sobre modelos de professores que fizeram parte da minha trajetória, de métodos de ensino, recursos utilizados, perspectivas, expressões... Enfim, todos esses pontos me fizeram pôr em debate as minhas construções e o que já estava naturalizado

em mim. O período de quatro anos de graduação, licenciatura em Artes Visuais, ajudou-me a questionar e pensar sobre o que aprendi e o que preciso desaprender.

Entendo que, não é apenas em ambientes de ensino formal/institucionalizado que aprendemos. Entendo que a função da Arte na educação é de provocar questionamentos e desencadear a *desnaturalização* do olhar estereotipado, propor uma educação que rompa com o estabelecido, com as normas e convenções sobre o próprio mundo. Pois, assistindo a um filme, indo a uma peça teatral, visitando uma exposição artística ou participando de uma manifestação cultural podemos aprender muito. Mas, até este ponto apresentei o que aprendi. Porém, ressaltei todas estas aprendizagens para chegar à minha questão central, o *DESaprender*.

O convite ao DESaprender

O termo *desaprender* possui opiniões divergentes, como sendo algo inalcançável, negativo, expressão poética, estilo de vida... Mas, apresento-o como uma experiência vivida. Não trato o *desaprender* como algo que deve ou possa ser “deletado” de nossas memórias, como se fossemos computadores e tivéssemos um disco rígido que nos permitisse essa opção. E mesmo se tivéssemos a questão não é a de ir contra ou apagar o que foi aprendido. Mas a de pôr em debate, de questionar. “Desaprender é quase impossível, se entendido como “apagar” uma aprendizagem anterior. O sentido aqui sugerido não é o de borrar ou apagar, mas perceber sua marca e as pegadas que deixou, no tempo e no espaço da nossa história de vida.” (Fresquet, 2007, p. 49).

Sempre escutei que para aprender precisaria estar disposta. E asseguro que para *desaprender* precisei de muito mais disposição. Pois, o *DESaprender* ao qual me refiro é o *DESaprender* vai além que a mera negação ou oposição ao que foi aprendido, propõe o questionamento sobre o que foi aprendido, onde e como foi, e como o *DESaprenderse* fez necessário na atualidade.

Desaprender, para alguns, poderia querer dizer aprender novas coisas ou – roubando da física – aprender na mesma direção, mas com sentido contrário. Aprender coisas contrárias às aprendidas pode significar contradições, ajustes. No entanto, quando o tempo já passou, significa algo mais. Desaprender é algo mais que aprender coisas opostas sobre um mesmo tema, assunto, valor, questão da vida. Desaprender pode até indicar erradamente, a ideia de esquecer o aprendido. Porém, o seu significado e intenção é

exatamente o contrário. Tal é a força da irreversibilidade “lembrar” as coisas aprendidas que querem ser desaprendidas. Desaprender é aprender a não querê-las mais para si; a não outorgar-lhes mais o estatuto de verdade, de sentido ou de interesse. Verdade aprendida com outros, desde sempre, adquire valor de inquestionável. Desaprender é animar-se a questionar tais verdades. Desaprender é também, fazer o esforço de conscientizar todo o vivido na contramão, evocando o impacto histórico e emocional que teve aquela aprendizagem que hoje deseja ser modificada. (Fresquet, 2007, p. 49).

Expressões populares como: “Azul é coisa de menino”, “Boneca é brinquedo de menina”, “Homem não chora”, “Isso não é coisa de menina”, “Professor de Artes, só pode ser gay”, “Mulher de cabelo curto só pode ser sapatona”, “Mas professora não fala gíria”...e assim por diante. Como salientou Fresquet (2007,p 48) “Quem não poderia *aprender* esses conceitos sexistas e discriminadores em um clima de amor e alegria familiar?” No âmbito escolar tais expressões poderão ser reforçadas e será difícil que o círculo de amigos e colegas não partilhe de tais opiniões. E sem nos darmos conta, vamos perpetuando conceitos e valores que nos foram ensinados, sem nos questionarmos sobre o que está sendo dito. E sem percebermos, em nossas atitudes muitas vezes, não partilhamos de tais ideias, mas continuamos reproduzindo-as mecanicamente sem pensar a respeito.

Sou uma docente de Artes Visuais, recém-formada e recém-contratada pela prefeitura do município de Santa Maria/RS. Quando me apresentei à escola da qual iria lecionar a disciplina de Artes, as primeiras considerações sobre as aulas foram as seguintes: “Não te preocupa, dá uns “trabalhinhos” de pintar ou desenho livre!”, “Em artes eles (estudantes) são bons, eles tem dificuldades em disciplinas mais difíceis.” “Temos que dar visibilidade ao que eles produzem, por exemplo, murais sobre as datas comemorativas.” Em meio às caras e bocas que fiz, questionei-me ao ouvir estas barbaridades, é isso mesmo que pensam sobre as aulas de Artes? É esta concepção que têm sobre o docente de Artes? E se é realmente isto que pensam, se é isso que aprenderam, acredito que precisam *DES*aprender juntamente comigo.

Neste momento coloco em debate o que aprendi,o momento histórico, onde, como e com quem aprendi. E todos estes pontos são importantes na aprendizagem e o esforço para lembrar é diário, pensar que o que aprendi não são verdades e nem fazem parte do meu interesse na atualidade. Não é uma negação ao que foi aprendido, mas sim algo que não quero mais. Portando quero *DES*aprender. E convido quem quiser a *DES*aprender comigo! Pois, como já mencionei anteriormente, através das palavras de Fresquet (2007, p. 49), contudo não custa ressaltar “Desaprender é também, fazer o

esforço de conscientizar todo o vivido na contramão, evocando o impacto histórico e emocional que teve aquela aprendizagem que hoje deseja ser modificada”.

Quero que as professoras ou professores não tenham que ouvir conselhos como este dado a mim: “Entra na sala e não mostra os dentes”. Será que o professor só pode ser sério? É isso mesmo? Quem foi que disse que professor não pode sorrir? Quem ensinou isso? Em que momento histórico isso começou a se perpetuar?

Mas este percurso de aprender e *DESaprender* é ao mesmo tempo individual e coletivo, porém não pode ser ensinado. Como mencionei no início do texto, a relação com o termo se deu ao acaso, e não sugiro aqui como método ou como fórmula. Pois, senão cairia nas questões que salientei que não me servem mais, nos modelos que preciso *DESaprender*. Talvez, *DESaprender* seja a resposta para meus anseios no momento. Mas *DESaprender* não é algo que possa ser aprendido

A equipe docente precisa continuar aprendendo continuamente; junto com as crianças, amenizando a hierarquização entre docentes e discentes. Reforçar a compreensão que docentes e discentes, todos, são aprendizes e mestres simultaneamente. Isso não significa desconsiderar as competências e responsabilidades da docência, como atuação profissional, apenas redimensionar suas potencialidades e possibilidades. (Nascimento, 2010, p. 24)

Aprender, *desaprender* para reaprender. Em minha percepção, os docentes, precisam desaprender que “sabem tudo”, que detém o poder supremo dentro da sala de aula, precisam permitir aprender com seus discentes. Mas para isso necessitam querer *DESaprender* o que consideram ser docente. Precisamos nos permitir *DESaprender*.

Referências:

ARIÈS, Phillippe, **História Social da Criança e da Família**, 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabarra, 1981.

BUCKINGHAM, David. **Creecer em la era d elos medios electrónicos**. Madrid: EdicionesMorata, 2002.

FESQUET, Adriana Mabel. **Imagens do desaprender – uma experiência de aprender com o cinema**: Rio de janeiro, Booklink, 2007.

GARLET, Francieli Regina, CARDONETTI, VivienKelling. OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **A problematização como possibilidade avaliativa**: Blumenau, Atos de Pesquisa em Educação - v. 9, n.3, p.662-680, set./dez. 2014.

KASTRUP, Virgínia. **Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre.** Educação & Sociedade: São Paulo, v.26, n.93, p.1273-1288, set-dez, 2005.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, 2a.ed.

MENDES NETO, Antenor Ferreira. OLIVEIRA, Michelle Roxo de. **Possibilidades Criativas no Jornalismo: limites e brechas.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 4 a 7/9/2015

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do; **Visualidades e infância até seis anos: versões em imagens e os desafios da Educação Infantil.** In: Raimundo Martins; Irene Tourinho. (Org.). Cultura Visual e Infância: Quando as Imagens Invadem a Escola. 1ed.Santa Maria: editora da UFSM, 2010, v. 1, p. 15-36.